Dossiê

Entre política e comércio: os impressos franceses e ingleses de apoio ao "D. Sebastião de Veneza", 1601-1603

André Belo [*]

[*] Tempora, Universidade Rennes 2 (UNIV-Rennes2). Rennes, França. E-mail: andre.belo@univ-rennes2.fr

ORCID: https://orcid.org/0009-0003-6575-740X

Luís Filipe Silvério Lima [**,***]

[**] Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Guarulhos (SP), Brasil. E-mail: lfslima@unifesp.br

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5924-5382

[***] Esta pesquisa foi, em parte, realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo n. 19/04470-8, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo n. 314046/2018-6.

Resumo: O artigo estuda o contexto editorial e político de três panfletos publicados durante o episódio do falso dom Sebastião de Veneza (1601-1603), dois de autoria de frei José Teixeira e outro sem autor identificado. Impressos em francês, foram rapidamente alvo de tradução e edição inglesa. O texto explora a história editorial e a evidência material desses impressos, os eventuais apoios políticos, o interesse comercial das obras para os livreiros e para o público leitor potencial. Discute também a dimensão da tradução a partir da atividade de Anthony Munday, polígrafo inglês que traduziu um dos impressos. Metodologicamente, salienta-se a importância da contextualização, seja no plano da bibliografia material, seja de uma história social dos agentes do impresso.

Palavras-chave: Sebastianismo; Frei José Teixeira (1543-1604); Agentes do impresso.

Between politics and commerce: French and English pamphlets in support of the "Sebastian of Venice", 1601-1603

Abstract: The article analyzes the editorial and political context of three pamphlets published during the false King Sebastian episode that started in Venice (1601-1603), two by Friar José Teixeira and one with no identified author. Printed in French, they were promptly translated into English and printed in London. The article explores the editorial and material history of these prints, the possible political support and the commercial interest for booksellers and potential readers. It also discusses translation, focusing on the work of Anthony Munday, an English polymath. From a methodological perspective, it underscores the necessity of contextualization, both in terms of the material bibliography and of the social history of the printing press agents.

Keywords: Sebastianism; Friar José Teixeira (1543-1604); Printing press agents.

Artigo recebido em 23 de setembro de 2025 e aprovado para publicação em 16 de junho de 2026.

DOI: https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2026v320212 e320212

Introdução

Na Época Moderna, não foram apenas as instituições dotadas de maior poder e riqueza, como Estados e Igrejas, que recorreram à publicação impressa como arma de propaganda e de combate político e ideológico mais alargado. Também grupos com menos poder conseguiram, com relativo sucesso, atingir um público internacional para as suas causas por meio da tipografia. A pequena rede de sebastianistas que se agregou em torno do episódio do falso dom Sebastião "de Veneza"[1] é um exemplo disso, e permite uma investigação em torno do eventual apoio político e dos protagonistas editoriais da difusão dos seus textos na França e na Inglaterra do início do século XVII. O principal *corpus* que utilizamos são três livros de formato *in-octavo*, publicados em Paris anonimamente, mas cuja autoria podemos, para dois deles, atribuir ao frade dominicano português José Teixeira, entre 1601 e 1603, e que foram, na sequência, alvo de tradução e edição inglesa.[2]

A propósito destes textos, sublinhou-se a eficácia duradoura da versão sebastianista dos acontecimentos após o fim do caso do falso dom Sebastião em 1603, com a execução capital do calabrês Marco Tullio Catizone e do dominicano português frei Estêvão de Sampaio (Belo, 2023, p. 36, 200-201). Enquanto o combate político levado a cabo por aqueles homens fracassou, a posteridade da sua narrativa foi assegurada por livros como os de frei José Teixeira e pelas obras de João de Castro, também estampadas em Paris, mas em português, das quais aqui não nos ocuparemos. A vitória "póstuma" dos sebastianistas fez-se sentir na tradição textual que vingou na França e na Inglaterra, dando origem a intrigas literárias, do teatro à ópera, que beberam no suposto mistério sobre o fim de dom Sebastião.

O objetivo deste artigo é, por um lado, aprofundar o conhecimento das condições de produção editorial das obras sebastianistas impressas em França durante o caso de impostura e, por meio de tradução, das suas conexões e da circulação em Inglaterra. Tentaremos identificar os impressores das edições francesas que saíram sem indicação de quem as imprimiu, recorrendo aos indícios materiais visíveis nas obras. No caso inglês, as traduções foram impressas obedecendo a sistemas de autorização e controle do mercado editorial, o que facilita a identificação. Para além de analisar os indícios materiais, deter-nos-emos nos

[1] Sobre este episódio, ver Belo (2023) e Lima (2023, 2024).

[2] Os títulos, que citaremos aqui na sua forma abreviada, são os seguintes: [Teixeira], *Adventure admirable par dessus toutes autres des siecle passez & present*... [Paris], 1601a; [Teixeira] *Suyte d'un discours intitulé adventure admirable*..., [Paris], 1602; *Histoire véritable des dernières et piteuses adventures de Dom Sebastian*..., [Paris e Rouen], 1602 (Histoire véritable..., 1602); [Teixeira] *The strangest adventure that ever happened*..., Londres: Frances Henson, 1601b; *The true history of the late and lamentable adventures of dom Sebastian,* Londres: Simon Stafford and James Shaw, 1602 (The true history..., 1602); [Teixeira] *A continuation of the lamentable and admirable adventures of dom Sebastian*..., Londres: James Shaw, 1603. Houve também uma edição holandesa da *Adventure admirable: wonderlijcke gheschiedenisse*... Delft: J. C. Uennecool, 1601 ([Teixeira], 1601c).

registros de autorização e mapearemos as relações dos agentes e seus impressos para contextualizar as lógicas e intenções de produção daqueles textos. Por outro lado, procuraremos explorar os contornos políticos destas edições e seus eventuais apoios em França e em Inglaterra. Em que medida a atuação editorial dos sebastianistas em Paris recebeu apoio, inclusive financeiro, de agentes ligados ao rei de França? Houve apoio e financiamento por parte de pessoas próximas à Coroa inglesa? Os sebastianistas tiveram uma participação efetiva na edição das traduções em Londres?

Buscar respostas implicará reconstituir redes, processos e custos de impressão sem poder contar com testemunhos diretos. A informação que foi possível extrair permite-nos chegar à hipótese de que não foram necessários grandes investimentos para imprimir tanto os octavos franceses quanto os quartos ingleses. Entretanto, como pretendemos mostrar, esses investimentos responderam a estratégias diferentes dos mundos do impresso e da política, que revelam intenções divergentes na publicação dos dois lados do canal da Mancha.

Frei José Teixeira, sebastianista e "francês"

Ao lado de João de Castro, primeiro arauto do sebastianismo, a figura de frei José Teixeira foi erigida, na cultura portuguesa de feição nacionalista, em modelo de patriota (Albuquerque, 1972, p. 571). Mas, contra uma leitura unívoca do seu percurso e da sua obra, devemos sublinhar a importância do seu compromisso com a monarquia francesa dos Valois-Bourbon após o exílio de Portugal, em 1581. O documento que melhor o demonstra é um pequeno e raro folheto, escrito e presumivelmente mandado imprimir pelo próprio frei Teixeira.[3] Trata-se de um relato autobiográfico feito para evidenciar os serviços do dominicano à monarquia francesa, desde sua primeira chegada àquele reino em 1581 até 1595, data da impressão do opúsculo. Entre esses serviços, no contexto das Guerras de Religião, contam-se a denúncia de membros da Liga Católica, a transmissão de informações político-militares e a publicação de livros. Frei José Teixeira refere ações em favor da rainha Catarina de Médici, de quem foi pregador, de seu filho, o rei Henrique III, e, após o assassinato deste em 1589, do "partido" de Henrique IV. Como corolário de uma lista de serviços e missões em que provavelmente sua identidade (e hábito) de clérigo de origem ibérica lhe permitiu dissimular as posições políticas, frei Teixeira foi agraciado com 400 escudos de pensão por Henrique IV, em 9 de fevereiro de 1595, além do título de pregador e esmoler régio. No en-

[3] "*Les principaux et plus signalez services que le Docteur Frere Joseph Texere Portugais à fait a l'estat & couróne de France*...", transcrito por Francisco de Sousa Viterbo (1891, p. 104-110). Existe um exemplar deste folheto na biblioteca da Universidade de Harvard.

tanto, essa remuneração manteve-se essencialmente simbólica, tal como outras que lhe tinham sido prometidas nos anos anteriores, "por cuja causa [o dito padre] permanece[u] em grande aflição, sem poder pagar aos seus credores, e em pobre e miserável estado por não ter com que se manter" (Viterbo, 1891, p. 110).

Esse folheto constitui uma forma de publicação da reputação e é uma fonte preciosa para identificarmos o tipo de apoio político e financeiro que frei Teixeira obteve em França, em meios diplomáticos e na própria família real. Entre esses apoiadores se contou o embaixador francês em Londres, Jean de la Fin, senhor de Beauvoir, que esteve na origem da encomenda de um livro de genealogia dos Bourbon que frei Teixeira imprimiu em 1592, em latim, na Holanda (Leiden), na tipografia do genro e herdeiro de Christophe Plantin, Frans van Ravelingen. A versão francesa do mesmo livro foi impressa três anos depois em Paris, por outro familiar de Plantin, Gilles Beys, tradução que contou com o apoio financeiro da irmã de Henrique IV, Catarina de Bourbon.[4]

A adesão de frei José Teixeira à causa sebastianista entrava em certa medida em contradição com suas posições políticas anteriores, marcadas pela defesa da legitimidade de dom Antônio como rei, escolhido pelos "povos" em 1580, quando aquele se ergueu contra o partido de Filipe II. Se dom Sebastião não morrera na batalha de Alcácer-Quibir, como frei Teixeira começou a defender a partir do final de 1600, então a pretensão antonista poderia ser vista retrospectivamente como ilegítima. Qualquer que tenha sido a razão, o certo é que frei Teixeira foi um dos últimos portugueses que tinham apoiado o Prior do Crato a aderir à reivindicação messiânica. Enquanto João de Castro, que entrara em rota de colisão com dom Antônio precocemente, levava anos investigando sobre profecias messiânicas nas bibliotecas conventuais de Paris e tentou, bem antes do episódio de Veneza, convencer um pequeno círculo em seu redor de que dom Sebastião estaria vivo e haveria de regressar (Hermann, 1998, p. 189-209), frei Teixeira apenas se entregou àquela causa a partir de outubro de 1600, e isso após cartas insistentes enviadas de Veneza pelo mesmo João de Castro e pelo frei Estevão de Sampaio.

Mesmo que tardiamente, frei Teixeira investiu na apologética sebastianista, consagrando-lhe tempo e esforços, incluindo uma viagem de vários meses pela Itália em 1601, para recolher testemunhos sobre o percurso do homem que dizia ser dom Sebastião. A publicação de obras em português e em francês, que deve ter sido articulada entre frei José Teixeira e João de Castro e outros do antigo círculo antonista, destinava-se a mobilizar os apoiadores dos sebastianistas após a enorme decepção causada pela segunda prisão do seu "rei", em Florença, à qual João de Castro chamou de "segunda derrota de África". Tratava-se de

[4] P. Fr. José Teixeira, *Exegesis genealogica [...] galliarum Regis Henrici...*, Lugduni Batavorum, apud Franc. Raphelengium, 1592; P. Fr. José Teixeira, *Explication de la généalogie du [...] monarque Henri IIIIe de ce nom...*, à Paris, chez Gilles Beys, 1595.

amplificar a campanha em favor da causa, imprimindo testemunhos provenientes de Veneza, assim como materiais proféticos e argumentação lógica que permitiriam afirmar, contra a versão que fora dominante até o ano de 1598, que dom Sebastião estava vivo e decidira se manifestar em Veneza vinte anos após a batalha de Alcácer-Quibir.

O primeiro resultado do engajamento de frei Teixeira foi a impressão, em Paris, da *Adventure admirable*, um livrinho de formato octavo, constituído por um conjunto híbrido de testemunhos destinados a provar que o homem que tinha sido preso pela República de Veneza era dom Sebastião. A obra apareceu não somente sem o nome do autor, mas também sem o local da edição ou o nome do impressor, o que era proibido em França. Mas a multiplicação de panfletos durante as Guerras de Religião levou ao aumento considerável de obras que contrariavam os éditos régios de interdição do anonimato da edição (Walsby, 2012). Os livros sebastianistas de pequeno formato que aqui nos ocupam são filhos dessas práticas editoriais que se tinham generalizado no âmbito da literatura polêmica.

Apesar de a *Adventure admirable* ter um prólogo de um tradutor que se apresenta também como editor, o corpo principal do texto foi claramente reunido por frei José Teixeira. É ele quem assina as cartas que constituem o corpo central do livro, enviadas a "um bispo seu amigo" e datadas de Lião, de janeiro e fevereiro de 1601. A importância política da publicação desse livro e a identificação de frei Teixeira como seu autor são confirmadas pela rede de correspondência política da monarquia hispânica. Em julho de 1601, o vice-rei em Lisboa, Cristóvão de Moura, enviou para a secretaria de Estado um exemplar do livro, manifestando preocupação com sua circulação internacional e os apelos nele contidos ao rei de França.[5]

Terminada a impressão da *Adventure admirable*, frei José Teixeira partiu para Itália. Desta viagem resultou o material que lhe serviu de base para um segundo livro, publicado já em 1602, e que se apresenta explicitamente como a continuação do texto anterior (*Suyte d'un discours intitulé Adventure admirable*), também sem nome de autor nem local de edição ou nome de impressor. Mas a circulação prévia da *Adventure* permitia a muitos leitores identificar frei José Teixeira como autor e tornara notório o seu papel na disseminação das teses sebastianistas. Na *Suyte*, frei Teixeira refere o fato de dever fazer-se discreto, nomeadamente na sua estadia em Roma, onde o embaixador do Rei Católico, o duque de Sessa, o atacava publicamente e espalhava cópias ou excertos incriminatórios, traduzidos em castelhano e em italiano, da *Adventure admirable* (Teixeira, 1602, f.11v).

Conhecem-se dois outros impressos em francês favoráveis a "dom Sebastião", anônimos e posteriores à *Suyte*: a *Histoire véritable des dernières et piteuses adventures de Dom Sebastian*, octavo de 24 páginas, e o *Advis nouveaux touchant D. Sebastian roi de Portugal*, no mesmo formato, de 16 páginas, ambos sem nome de autor. Enquanto o *Advis nouveau* saiu com local e impressor

[5] Archivo General de Simancas, E-435, f. 11. Minuta de correspondência entre o vice-rei em Lisboa e a secretaria de Estado.

identificados (Paris: Claude Bourriquant), a *Histoire véritable* manteve o anonimato editorial nos exemplares de uma edição possivelmente parisiense.[6] Houve uma edição de província desse folheto, indício de sucesso comercial, feita em Rouen, em formato ainda menor (in-doze), por Claude Le Villain, "livreiro e encadernador do rei".

Em bibliotecas britânicas e francesas, a *Histoire véritable* aparece como sendo de frei José Teixeira. Consideramos que tal atribuição é altamente improvável. A *Adventure* e a *Suyte* são constituídas por um conjunto de cartas-testemunho. Se o autor não é identificado na folha de rosto, ele aparece no interior do texto, em documentos que procuram transpor para o impresso a credibilidade de uma comunicação epistolar. A *Histoire véritable* apresenta um protocolo de escrita e leitura bem distinto, com um narrador que usa um nós impessoal e se dirige a um público abstrato; ao contrário das obras de frei Teixeira, o texto, mais curto e avaro em detalhes, não se apresenta como traduzido do espanhol e em nenhum momento é referido como escrito por um português, o que é uma marca política e moral de frei José Teixeira. O autor implícito cita um nobre português que lhe forneceu informações e se refere a ele como "bom servidor do seu [o possessivo aplica-se ao nobre português] rei" Sebastião, o que permite deduzir que o autor do texto não se considerava súdito desse rei. Comete ainda erros na transcrição de palavras em português, como o próprio nome do rei em tradição popular, "Bastiam" (grafado "Bestiam"). O autor parece ser francês e sua informação sobre Portugal não se pode comparar com a de frei Teixeira: por exemplo, ao citar as profecias de Bandarra, o autor refere que foi alguém que "viveu há 300 anos", erro que o dominicano português certamente não teria cometido (Histoire véritable..., 1602, f. 7-8).

Identificação dos impressores parisienses

Preparada em Lião, a *Adventure admirable* foi impressa em França antes da partida de frei Teixeira para a Itália em abril de 1601, como o próprio refere no livro que lhe dá sequência, a citada *Suyte* (Teixeira, 1602, f. 7). Não há grandes dúvidas sobre a impressão da *Adventure* ter tido lugar em Paris, onde frei Teixeira, João de Castro e outros antigos antonistas tinham sua base.

Existiram, na verdade, duas edições distintas da *Adventure*: a primeira, em formato in-octavo de 126 páginas, e a segunda, no mesmo formato, mas reduzida a 96 páginas.[7] Usando

[6] Há, pelo menos, três variantes deste panfleto em bibliotecas parisienses, denotando correções em curso de impressão. Ver Histoire véritable... ([Paris], 1602, f. 7-8).

[7] Exemplar da primeira impressão na biblioteca da Universidade de Liège (Bélgica): https://donum.uliege.be/handle/2268.1/77/1/. Exemplar da segunda na Biblioteca Municipal de Lião: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1008168.image/. Acesso em: 14 set. 2025. A última página está numerada como 97, mas foi erro do impressor, pois sucede à 95.

menos papel, a segunda edição contém mais texto, o que foi obtido pela redução do tamanho de letra e pelo aumento do número de linhas por página. Trata-se, como a própria página de título o indica, de uma reimpressão "revista e aumentada", que integra dois novos documentos: mais uma carta de frei Teixeira ao bispo "seu amigo" e um horóscopo do rei dom Sebastião por um astrólogo italiano.

As práticas, correntes na época, de tomada de empréstimo de material tipográfico, e a existência de consórcios editoriais entre livreiros e impressores rodeiam a identificação do impressor dessa obra de alguma incerteza. Não é impossível que as duas impressões, feitas certamente num curto espaço de tempo, tenham sido realizadas em oficinas diferentes.[8] De qualquer modo, foram ambas feitas em Paris, como é possível depreender da comparação entre o material tipográfico utilizado e os repertórios de impressores. É possível atribuir a segunda edição (de 96 páginas) à oficina dos herdeiros de Gabriel Buon, importante impressor parisiense falecido em 1595, conhecido pelas suas edições de Ronsard e pela publicação também de romances ibéricos de cavalaria (Martin, 1999, p. 26). A letra C capitular, com um *putto* ou anjo, que figura na página 5 da referida edição, é a mesma que figura na quinta edição das obras de Ambroise Paré, impressas pela viúva de Gabriel Buon, em 1598.[9] Pelo menos uma outra capitular dessa reimpressão da *Adventure* – o I da página 9, não numerada – é similar às usadas pela oficina dos herdeiros de Gabriel Buon. Em favor de que a primeira impressão tenha decorrido também nessa mesma oficina, da viúva Buon ou de seu filho Nicolas, encontramos uma capitular C com uma figura grotesca ladeada por dois cães (p. 8) idêntica a um outro C dos herdeiros de Gabriel Buon na referida edição das obras de Ambroise Paré.[10] No entanto, encontramos essa mesma capitular em obras de outros impressores, como Léger Delas, associado ao livreiro Abel Langelier.[11]

[8] Segundo Antoine-Alexandre Barbier (1963, col. 331), existiu uma edição da *Adventure admirable* de formato ainda menor, in-doze, com 179 páginas. Não localizamos tal edição.

[9] Cf. Base de Typographie de la Renaissance, n. 16787, http://batyr.univ-tours.fr/fr/planche/16787. Outra letra capitular, o "I" da p. 9 (não numerada) é similar às usadas por Buon. Outra possibilidade seria o impressor Jean Petit-Pas, que em 1614 utilizou a mesma letra capitular numa edição sua. Mas em 1601 Petit-Pas era ainda aprendiz. Ele pode ter herdado posteriormente material da oficina de Gabriel Buon, pois se casou em primeiras núpcias com uma filha deste impressor (Chaussy, 1971, p. 12; Renouard, 1965, p. 62-63). Agradecemos a Malcolm Walsby, que nos ajudou a fazer essas identificações.

[10] Cf. Base de Typographie de la Renaissance, n. 20649, https://batyr.univ-tours.fr/fr/planche/20649/.

[11] Cf. Base de Typographie de la Renaissance, n. 20649, https://batyr.univ-tours.fr/fr/planche/20649/. Por sua vez, os exemplares da segunda edição da *Adventure* apresentam versões diferentes entre si, com cadernos que foram substituídos devido a correções feitas durante a impressão na folha de rosto e no interior da obra. É o caso do exemplar conservado na biblioteca Oliveira Lima, da Catholic University of America: JSTOR, https://jstor.org/stable/community.38773593. As variações dizem respeito aos primeiros oito cadernos, até a página 64.

Figura 1 – Capitulares C



À esquerda: *Adventure admirable...*, reimpr., 1601; à direita:
Les oeuvres d'Ambroise Paré, Paris, viúva de Gabriel Buon, 5. ed., 1598. Fonte: Gallica.bnf.fr/BnF.

A identificação do impressor da *Suyte* é mais segura do que a da *Adventure*: ele foi certamente Martin II Vérard (ou ainda Vérac, Vérat ou Vayrat), o mesmo que imprimiu o *Discurso da vida... de D. Sebastião* de João de Castro. A identificação de Vérard como impressor da *Suyte* baseia-se no ornamento de cabeça de página, no folio 24v, com as iniciais "MV" (f. 24v).[12] Encontramos o mesmo cabeção no início do *Discurso da vida* (f. 2, não numerado), obra em que, aliás, o nome do impressor e o local de impressão constam da folha de rosto ("Em Paris, por Martin Vérac, morador na rua de Judas"). O anonimato da *Suyte* encontrava-se assim, de certa forma, desfeito, quer pela notória identidade de seu autor, quer pelo fato de o impressor ter voluntariamente marcado a obra com a sua assinatura, dando-se a conhecer aos leitores mais informados.

A informação disponível sobre Vérard como impressor é escassa. Ele abriu a sua oficina entre 1600 e 1602 (Renouard, 1965, p. 426). A *Suyte* poderia assim ter sido uma das suas primeiras produções tipográficas. O prólogo do impressor descreve brevemente o conteúdo da obra e afirma a identidade régia do prisioneiro – à altura, detido em Nápoles – contra o que "os Castelhanos divulgaram pelo mundo por meio dos seus falsos libelos" (Teixeira, 1602, f. 2). Essa tomada de posição anti-castelhana, na contenda sobre a identidade do homem que dizia ser dom Sebastião, levanta a questão dos alinhamentos políticos dos impressores. Sabemos que, anos mais tarde (1606), Vérard trabalhou para o cardeal François de Joyeuse, bispo de Rouen.[13] Embora ela seja posterior aos anos que nos interessam aqui, essa ligação sugere conexões familiares anteriores, com possíveis ramificações políticas: o cardeal de Joyeuse era irmão do primeiro duque do mesmo nome, morto em 1587, chefe militar e favorito do rei Henrique III, que, com o seu primo Aymar de Chastes, acolheu e protegeu na

[12] Agradecemos a Jean-Dominique Mellot, conservador da Biblioteca Nacional da França, pela identificação do cabeção com as iniciais.

[13] Ver o registo no catálogo da Biblioteca Nacional da França: https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb16222356p/.

França o grupo exilado de dom Antônio em 1582-1583. Foi Chastes quem comandou a armada que tentou a conquista da ilha Terceira, nos Açores, em 1583.

Figura 2 – Cabeção de Martin Vérard



Fonte: Bibliothèque nationale de France.

A *Suyte* foi impressa por Vérard provavelmente em março de 1602, pois o prólogo da obra data de 26 de fevereiro. Sabemos também que a obra de João de Castro em português, o *Discurso da vida*, foi impressa na mesma oficina no mesmo período.[14] A impressão conjunta, num curto lapso de tempo e na mesma tipografia parisiense, de dois dos mais importantes textos da apologética sebastianista no contexto do episódio do falso dom Sebastião "de Veneza" aponta para um trabalho coordenado entre João de Castro e frei José Teixeira. Tratava-se de chegar a um leitorado disperso de apoiadores, em diferentes regiões e línguas europeias. Os dois homens tinham em comum o fato de terem entrado em dissidência relativamente ao Prior do Crato e, depois, com os filhos e testamenteiros do Prior do Crato. Conflitos dividiram o antigo séquito antonista ainda em vida deste e agravaram-se após a sua morte, em 1595. Apesar de o episódio sebastianista iniciado em Veneza ter permitido uma reaproximação tática temporária em torno da causa messiânica, a forma como o prisioneiro foi conduzido após a saída da prisão em Veneza, levando à nova prisão em Florença e à sua entrega às autoridades espanholas em Nápoles, reavivou as divergências. A publicação dos dois livros de frei Teixeira e, sobretudo, do livro em português de João de Castro, agravou os conflitos, motivando a publicação de um livro de resposta, em português, com anonimato de autor e impressor, mas provavelmente também impresso em Paris e claramente escrito pelos testamenteiros de dom Antônio, Diogo Botelho e Ciprião Figuei-

[14] João de Castro dá a data aproximada da impressão da sua obra: a "quaresma de 1602". Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), D. Antônio, Prior do Crato, e seus Descendentes, mç. 2, n. 360. No ano de 1602 a Páscoa caiu em 7 de abril, pelo que a quaresma cobriu principalmente o mês de março.

redo de Vasconcelos.[15] Houve depois uma queixa formal ao rei da França, liderada por dom Cristóvão, filho de dom Antônio, com acusações a João de Castro e outros dois portugueses próximos deste, Diogo Manuel e Miguel do Canto, por ataques à reputação do Prior do Crato. Um documento original desta demanda, de abril de 1604, integrado aos fundos dos herdeiros de dom Antônio, contém a queixa e transcreve os interrogatórios.[16] Ele ilumina de forma preciosa os conflitos internos ao grupo antonista-sebastianista e, também, a impressão dos livros de João de Castro, sobretudo o *Discurso da vida*, que estava no centro da queixa contra, segundo o que se lê na fonte, a "honra e a memória" de dom Antônio. Castro era acusado também de imprimir o livro sem licenças, isso apesar de, na folha de rosto, o livro ostentar o privilégio real. Ele respondeu que, efetivamente, não tinha tido licença formal, mas sim uma permissão tácita dada oralmente pelo chanceler. Segundo a acusação, o livro tinha sido impresso com o financiamento de Diogo Manuel, mercador português residente em Paris. Manuel negou e o mesmo fez João de Castro.

Sendo impossível saber se os interrogados responderam verdade ou não – também não conhecemos o desfecho da queixa –, é certo que a suspeita da cumplicidade de Diogo Manuel na edição circulou como plausível. Diogo Manuel sustentou financeiramente João de Castro durante anos, assim como as suas viagens com intuitos políticos. De modo mais geral, essa documentação permite colocar a hipótese de que as obras sebastianistas impressas em Paris tenham sido exclusivamente pagas pelo pequeno grupo de portugueses exilados, sem apoio financeiro da Coroa francesa, mas com uma permissão tácita das autoridades francesas para a publicação, sob anonimato dos impressores, das suas obras de orientação antiespanhola.

Com efeito, os custos envolvidos na impressão dessas obras foram relativamente baixos. Baseando-nos no documento autobiográfico citado, podemos compará-los com a informação sobre uma obra mais volumosa de frei Teixeira cujo custo foi certamente bem superior. Referimo-nos à já mencionada tradução francesa do livro sobre a genealogia de Henrique IV, impressa em 1595, em Paris, por Gilles Beys, genro de Plantin (Teixeira, 1595). Essa obra foi dedicada ao rei, obtendo privilégio real e recorrendo a estampas (retrato do rei, escudos, tabelas genealógicas). De formato in-quarto, recorrendo a mais papel e de qualidade superior ao utilizado nos pequenos in-octavos de apoio ao "D. Sebastião de Veneza", teria custado "mais de duzentos escudos" (Viterbo, 1891, p. 110). Se compararmos a quantidade de papel utilizada – sem contar possíveis diferenças de preço devidas à qualidade do papel e

[15] *Reposta que os tres Estados do Reyno de Portugal [...] mandaraõ a Dom Joam de Castro, sobre hum Discurso que lhes dirigio, sobre a vinda e apparecimento del Rey Dom Sebastiam*, 1603.

[16] ANTT, D. Antônio, Prior do Crato, e seus Descendentes, mç. 2, n. 360. Frei José Teixeira não fez parte do grupo dos acusados por dom Cristóvão. Segundo o diário de Pierre de Lestoile, o religioso faleceu no final desse mesmo mês de abril de 1604 (Michaud; Poujoulat, 1837, t. 1, p. 368).

às tiragens –, vemos que, nos dois pequenos livros de frei Teixeira, foi empregado, no total, cerca de um terço do número de folhas utilizadas no quarto de 1595: 13 folhas e meia para os livrinhos sebastianistas, 40 folhas e meia para a genealogia do rei de França. Sem podermos avaliar rigorosamente os custos das edições e os preços dos exemplares, não é arriscado dizer que a despesa necessária para a impressão dos livrinhos sebastianistas, pelo seu formato menor, foi relativamente pequena, permitindo uma edição econômica e discreta ao mesmo tempo.

Notícias sebastianistas na Inglaterra

Se a inserção de frei José Teixeira e de outros ex-antonistas na França pode ajudar a entender a impressão das suas obras, sua rápida tradução para o inglês e impressão em Londres requerem outros enquadramentos. Os textos sebastianistas chegaram à Inglaterra quando as notícias sobre o "Sebastião de Veneza" já circulavam por meio de boatos nas ruas de Londres, cartas manuscritas, informações de espionagem e mesmo impressos noticiosos, poéticos ou satíricos, que relatavam o que ocorria na península Itálica. O próprio frei José Teixeira, assim como João de Castro, usou seus contatos para fazer chegar à Coroa inglesa a sua versão dos fatos. Em outubro de 1600, frei Teixeira escreveu em espanhol para o embaixador inglês na França, Henry Neville, pedindo que informasse a rainha Elisabete da volta do rei de Portugal, por quem, alegava, ela sempre teria tido estima. Poucos meses depois, Castro mandou uma carta em português diretamente ao Conselho Privado da rainha, pedindo ajuda da Coroa inglesa para a causa sebastianista. A carta de Castro aparentemente foi discutida ou lida por membros do conselho, pois foi traduzida para o inglês, embora não haja registro de qualquer encaminhamento por conta do pedido sebastianista (Lima, 2023, p. 166-167).

O momento político na corte inglesa não era muito favorável. Elisabete I estabelecera, de fato, boas relações com dom Sebastião quando este estava vivo, constava como inimiga declarada de Filipe II, falecido em 1598, e havia apoiado, ainda que timidamente, a causa antonista, tendo recebido e abrigado dom Antônio e seus apoiadores, entre eles, frei Teixeira e Castro. Após a derrota da Invencível Armada, em 1588, permitiu que se montasse uma expedição militar no ano seguinte para colocar o prior no trono lusitano. Patrocinada por Robert Devereux, conde de Essex, e saudada em versos por Thomas Dekker, a tentativa de invasão em 1589 foi um fiasco (McBride, 1973). Uma década após essa malsucedida empresa, o contexto havia mudado e havia poucas chances de uma boa recepção a propostas de uma nova aventura lusitana. Essex caíra em desgraça, depois de várias expedições militares fracassadas e, pior, pela tentativa de dar um golpe palaciano, que o levaria à prisão e à morte, em fevereiro de 1601. Vários de seus aliados, defensores de uma política antiespanhola e

belicista, foram perseguidos e muitos deles, como Neville, foram presos. O partido concorrente ao de Essex, que saíra vencedor na disputa política e diplomática, era liderado por Robert Cecil, secretário de Estado. Cecil estava mais preocupado em apaziguar as tensões nos domínios elisabetanos, especialmente na Irlanda, e garantir a sucessão pacífica da Coroa, do que continuar a fomentar uma guerra contra a maior potência da Europa; de fato, havia algum tempo que perseguia as condições para um tratado de paz com a Espanha (Gajda, 2008). Nesse cenário político, parecia improvável uma boa acolhida dos impressos sebastianistas na Inglaterra.

Se um partido às vezes caracterizado como filo-hispânico dava as cartas em Whitehall, isso não significava, porém, que havia conseguido minorar um sentimento mais geral que identificava o grande inimigo católico na Espanha. Alimentado há décadas por peças, poemas, tratados, relações e gravuras, esse anti-hispanismo dava o tom de um misto de admiração e medo inglês em relação ao Império Espanhol, e fazia com que notícias relativas às relações anglo-ibéricas tivessem um público cativo (Rodríguez, 2020, p. 11-46). Faziam parte dessa miríade de produções não só os textos sobre a União Ibérica e a resistência antonista, mas os inúmeros relatos e peças sobre a Batalha de Alcácer-Quibir que circularam na Inglaterra desde 1579 (Lima, 2024; Moreira, 2026). Para além de ser um evento trágico marcado pelo desaparecimento de três reis, que despertava curiosidade e mobilizava afetos em torno da figura de dom Sebastião, a batalha de Marrocos também caía no gosto público por se reportar ao Norte da África e ao mundo "mouro", tópico constante tanto nos textos poéticos e dramáticos quanto na diplomacia elisabetana (Brotton, 2017, p. 61-68). Em resumo, se as notícias sebastianistas pareciam não mais motivar os conselheiros da rainha, tinham guarida certa em outros círculos. Não parece possível saber se frei Teixeira e os demais sebastianistas desconfiavam dessa recepção de seus panfletos, mas veremos que houve um interesse particular da parte dos agentes envolvidos na sua produção na Inglaterra, ainda que não pelos mesmos motivos dos apoiadores do "Sebastião de Veneza".

Autorização e impressão em Londres

Ao contrário das edições francesas, para as traduções inglesas estão indicados vários dos agentes que as produziram, pois passaram por todos os requisitos necessários para se autorizar um impresso na Inglaterra. O primeiro documento que temos sobre a tradução do *Adventure* é justamente seu registro junto à Companhia dos Estacionários, a corporação que detinha o monopólio da edição e impressão e era responsável por regular o mercado dos impressos em Londres. O registro nos livros dos estacionários garantia os direitos de cópia

para o livreiro ou impressor (Raymond, 2003, p. 67-71). O registro do *The strangest adventure* foi realizado em 9 de abril de 1601, a pedido do livreiro Frances Henson.[17]

Essa é a única entrada de Henson no livro de registros; *The strangest adventure* foi o único impresso publicado por ele que localizamos no English Short Title Catalogue (ESTC). Não há muitas outras informações sobre ele: sabemos que foi atuante entre 1581 e 1604 e manteve boas relações com outros estacionários da sua vizinhança, Blackfriars (Plomer, 1910, p. 135), bem como teve um bom número de aprendizes.[18] Esses dados apontam que sua principal fonte de renda não vinha da publicação de livros, mas da sua revenda, ou que talvez publicasse folhas volantes e baladas para as quais não era usual fazer o registro. Sabemos também que vivia da encadernação de impressos de outros livreiros e impressores, o que chama a atenção para o fato de ter resolvido registrar e publicar *The strangest adventure*.

Mesmo não trazendo muitas informações sobre seu livreiro, o caderno de registros aponta para outros dados importantes. Alguns deles referem-se à circulação e permitem realizar algumas aproximações quanto às datas e à lógica de produção dos impressos. A primeira coisa a sublinhar é que a *Adventure* estava circulando em Londres possivelmente em março, haja vista a data de entrada no registro dos estacionários, e, portanto, logo após ter sido publicada em Paris. Isso aponta para uma comunicação muito intensa entre agentes dos dois lados do canal da Mancha. Pelo título registrado, deduz-se que era a primeira edição francesa que tinha cruzado o canal, pois foi vertida para o inglês a data final que aparece na folha de rosto daquela edição, "jusques au 6. de Janvier, an present 1601". Sabemos também, pela anotação que segue o título, que o texto ainda não havia sido traduzido quando do registro, o que pode significar que o livrinho ainda demorou para ser impresso. Certo é que existia um interesse em assegurar logo os direitos de cópia. O fato de não haver mais registros de Henson só reforça a hipótese de que ele entendia aquela edição como uma empreitada que lhe poderia gerar retornos significativos, e queria garantir que nenhum outro estacionário pudesse publicar aquela obra.

Se olharmos para o impressor envolvido na edição de *The strangest adventure*, outras dinâmicas se apresentam. Embora não indicado no registro nem no *imprint*, sabemos, pelos catálogos e por elementos tipográficos, que Richard Field imprimiu, em formato quarto, com 90 páginas, *The strangest adventure*[19] – bem como *A continuation*, tradução da *Suyte*, da qual falaremos adiante. Hoje mais lembrado por ter impresso sonetos de Shakespeare, Field tam-

[17] SRO4162, Stationers' Register Online. Disponível em: https://stationersregister.online/entry/SRO4402. Acesso em: 13 ago. 2026.

[18] Pesquisa feita no Records of London's Livery Companies Online. Disponível em: http://www.londonroll.org/. Acesso em: 13 ago. 2026.

[19] Ver, por exemplo a entrada no ESTC, disponível em: https://datb.cerl.org/estc/S118296. Acesso em: 13 ago. 2026.

bém atuou na região de Blackfriars como Henson, mas, ao contrário do livreiro, foi extremamente ativo e foram identificadas 285 impressões suas. Alguns aspectos fazem com que possamos supor que Field tenha sido um dos articuladores da tradução. Ele tinha contatos com a França, a começar pelo seu mestre, Thomas Vautrollier, impressor huguenote exilado em Londres desde 1562, cuja oficina era especializada em traduções, muitas do francês. Alguns anos após a morte de Vautrollier, em 1589, Field casou-se com a viúva do seu mestre, assumiu a tipografia e seguiu imprimindo traduções e textos relativos a assuntos e notícias de relações exteriores, particularmente sobre a França e a Espanha. Continuou usando, inclusive, a divisa de seu mestre, uma âncora da esperança, "*anchora spei*", que estampou, entre outros, num dos livros de sonetos shakespearianos, *Venus and Adonis* (1593), e na tradução do segundo dos textos sebastianistas de frei Teixeira, *A continuation* (1603) (Plomer, 1910, p. 102-103, 272-273; Woodfield, 1973, cap. 5).

Figuras 3 e 4 – Imagens da "*anchora spei*", divisa do impressor Richard Field



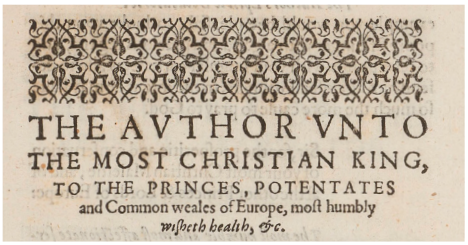
Fontes: Figura 3, divisa em *Venus and Adonis* (1593, Bodleian Libraries); Figura 4, divisa em *A continuation* (1603, British Library)

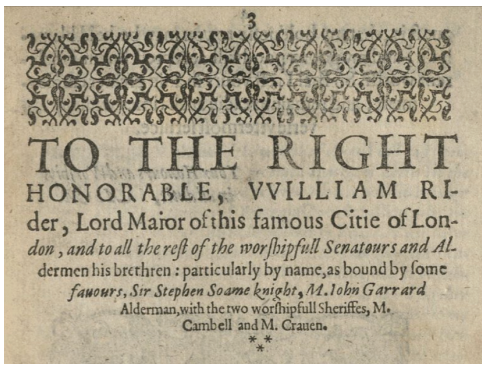
Num esforço de propaganda protestante patrocinado pelo exilado espanhol Cipriano de Valera, Field imprimiu seis livros de teor calvinista traduzidos para o espanhol, entre 1596 e 1600, para serem contrabandeados e circularem na Espanha católica, sob o nome de "Ricardo del Campo" e contendo sua divisa na folha de rosto (Woodfield, 1973, p. 129-136; Bouza, 2007, p. 17, 19). Em outras palavras, o impressor de *The strangest adventure* tanto tinha ligações com o mundo livreiro francês, quanto prática em imprimir traduções, além de ter

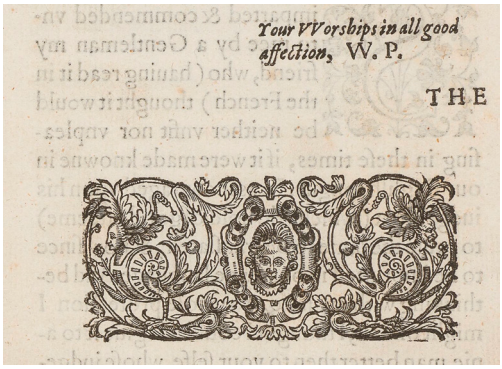
atuado numa empresa anti-hispânica, o que faria de sua oficina um lugar propício para a edição do livrinho de frei José Teixeira. Mas talvez o elemento mais significativo para pensar a atuação de Field na publicação do *Adventure* seja o fato de ele ter impresso a tradução inglesa do *Traicté parænetique*, tratado anti-castelhano de frei Teixeira.

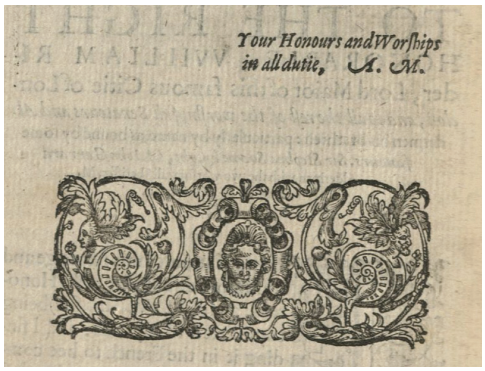
A Treatise parænetical foi publicado por William Ponsonby em 1598, e embora o *imprint* não traga novamente o nome de Field, muitos ornamentos são os mesmos usados em *The strangest adventure* três anos depois, inclusive desempenhando funções similares, como os blocos que formam o cabeção sobre a epístola dedicatória e a vinheta que a encerra.

Figuras 5 e 6 – Comparação dos cabeções e das vinhetas









Fontes: Figura 5, *A treatise parænetical* (Bibliothèque nationale de France/Gallica); Figura 6, *The strangest adventure* (Newberry Library).

Não há evidências que comprovem uma ligação de Field com os ex-antonistas que estiveram na Inglaterra e que então faziam campanha para o "Sebastião de Veneza". Também não temos elementos para dizer se imprimira esses impressos anticastelhanos por iniciativa própria ou se era procurado por livreiros e possíveis patronos por sua oficina ter reputa-

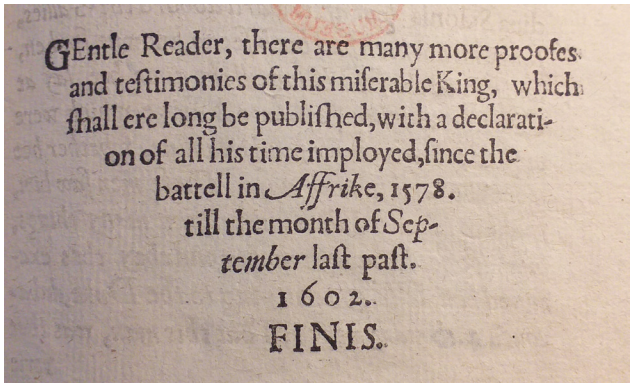
ção de trabalhar com traduções, seja do francês, seja do espanhol. Suas edições de livros anticatólicos em espanhol, pensados para circular clandestinamente, deviam posicioná-lo como impressor ideal para a empresa sebastianista. Há, entretanto, diferenças em como os livros em espanhol e os traduzidos para o inglês se apresentavam. Nos livros espanhóis não há, na folha de rosto, o nome de um livreiro, somente o de Richard Field: "En Casa de Ricardo del Campo" (Woodfield, 1973, p. 385-401). No caso de *The strangest adventure*, há a indicação de onde seria possível comprar o livro, não só por estar o nome de Henson mas por se dizer onde ficava sua casa livreira, "Printed for Frances Henson dwelling in the Black-Friers", padrão usual dos *imprints* do mercado londrino. A ausência da localização da casa livreira no *imprint* não é só uma emulação da forma comum do *imprint* no mundo ibérico, mas também denuncia, indiretamente, que aquele não era um empreendimento que se pensava comercialmente, ao contrário da impressão das aventuras sebastianistas. De qualquer modo, como demonstrou Verônica Calsoni Lima (2023a) para um momento posterior, o fato de terem uma empresa comercial não impedia que impressores e livreiros produzissem livros e panfletos que traduzissem suas convicções religiosas e políticas bem como sua fidelidade a determinados círculos de relações sociais e profissionais. O fato de Field ter impresso os *Adventure*, como antes fez com o *A treatise parænetical*, parece ter sido um exemplo de que era possível unir essas esferas.

O primeiro livrinho sebastianista deve ter tido boa recepção, pois em 7 de outubro do ano seguinte foram registrados junto aos estacionários dois outros dos impressos sebastianistas, sob os títulos provisórios de "The true history of the laste pitifull adventures..." (a *Histoire véritable*) e "A second discourse of a moste strange adventure..." (a *Suyte*).[20] Desde o registro, *Histoire* e *Suyte* foram percebidos pelos ingleses como parte de uma mesma empresa editorial, independentemente de o primeiro não ser da lavra de Teixeira. Talvez houvesse pressa em garantir a publicação, por dois diferentes motivos. Primeiro, não foi mais Henson quem deu entrada, mas o livreiro James Shaw, que registrou "The true history..." em conjunto com o impressor Simon Stafford, e, sozinho, "A second discourse...". Esse duplo registro pode indicar que Shaw e Stafford queriam se apropriar logo do que viam como um potencial sucesso comercial. Segundo, *The true history* foi lançado antes, ainda em 1602 ou no início de 1603 (considerando o calendário juliano adotado na Inglaterra), como um quarto não numerado de 14 fólios, mais curto, mais barato e mais fácil de editar; só depois saiu *A continuation*, em 1603, um quarto com 68 páginas. Invertia-se a ordem cronológica não só da publicação na França, mas da narrativa dos eventos em torno do "Sebastião de Veneza". Após o fim do texto de *The true history*, foi adicionado um pequeno texto, em fundo de lâmpada, anunciando ao "Gentil Leitor"

[20] Disponível em: https://stationersregister.online/entry/SRO4594. Acesso em: 13 ago. 2026.

que se viriam ainda a publicar "muitas mais provas e testemunhos daquele Rei miserável", indicando que as notícias iriam até setembro de 1602 (f. [D3r]).

Figura 7 – Imagem do anúncio em fundo de lâmpada do *True history*


GEntle Reader, there are many more proofes and teſtimonies of this miſerable King, which ſhall ere long be publiſhed, with a declaration of all his time imployed, ſince the battell in *Affrike*, 1578. till the month of *September* laſt paſt. 1602. FINIS.

Fonte: British Library.

Essa afirmação de que as provas e testemunhos chegariam até setembro parece indicar que *True history* estaria traduzido ou talvez mesmo em processo de impressão quando registrado em 7 de outubro de 1602 (27 de setembro, no calendário inglês), ao contrário do que ocorrera com *The strangest adventure*. O impressor, Stafford, tinha sido aprendiz de Christopher Barker, impressor da rainha, pertencente à corporação dos mercadores de têxteis. Quando "liberto" da condição de aprendiz têxtil em 1586, começou a atuar como impressor, mas, por não pertencer aos estacionários, acabou processado e só pôde voltar a atuar após ser aceito na companhia como impressor em 1599. Sua produção foi intensa nesses seus anos iniciais como estacionário, quando registrou e imprimiu *True history* com James Shaw (Plomer, 1910, p. 254-255). Este recebera também recentemente sua "liberdade" para atuar como membro da Companhia dos Estacionários. De 1588 a 1601, fora aprendiz de William Ponsonby (Plomer, 1910, p. 242), livreiro que editara *A treatise paræneticall*, impresso por Field. Nos seus dois primeiros anos como estacionário, Shaw registrou cinco títulos, mas editou sete, todos traduções, seis delas do francês. Depois não há mais indícios de sua atuação. Além de serem traduções, outro aspecto chama a atenção: cinco desses títulos, incluindo *A continuation*, foram impressos por Field, que Shaw deve ter conhecido quando trabalhava na oficina de Ponsonby.[21] Por que então não imprimir *True history* com Field? Talvez a opção por

[21] Consultando o ESTC, existem 12 títulos impressos por Field para Ponsonby, entre 1594 e 1601.

um estacionário novo garantisse a celeridade na impressão, pois o ano de 1602 foi de intenso trabalho para Field, com 14 títulos identificados no ESTC como seus (contra uma média de seis impressos por ano naquela década). Soma-se a isso o fato de Stafford registrar o título juntamente com Shaw, dividindo provavelmente os custos, o que ajudaria estacionários recém-ingressados no mercado livreiro. Talvez com menor sobrecarga, Field pôde imprimir *A continuation*, um texto mais longo e mais demorado para traduzir, conferir e imprimir e, para identificar aquela edição como sua, estampou a divisa "*anchora spei*" na folha de rosto, sinal que bastaria para saber de qual oficina havia saído.

A julgar pela trajetória dos livreiros e dos impressores envolvidos, com destaque para Richard Field, podemos perceber como se processava a publicação daqueles panfletos no mundo dos impressos londrinos. Embora não haja evidências de contato com os sebastianistas ou do seu engajamento no patrocínio daqueles impressos, estes foram produzidos num ambiente em que o discurso anticastelhano (e anticatólico, com o qual se confundia) era dominante e, talvez o mais importante, poderia ter boa recepção. Da mesma maneira, havia demanda por notícias vindas do outro lado do Canal da Mancha, alimentada por uma crescente imprensa especializada em relatos e traduções de notícias impressas em francês, com o eventual incentivo de membros da corte ou da Igreja, como parte de sua estratégia política (Voss, 2001, cap. 1). Nesse sentido, as notícias tinham um interesse político-religioso, mas também comercial, pois eram o tipo de produto para o qual havia público. Um público com letramento, mas não necessariamente de grandes posses, que poderia pagar por aqueles quartos entre dois *pennies* (o preço provável de *True history*) e seis (o de *The strangest adventure* e *A continuation*), o que equivaleria a, no máximo, três libras de carne ou seis idas ao teatro (Clark, 2015, p. 25, Lima, 2003b, p. 40, 53).[22] Esses quartos costurados, conhecidos como *tracts* ou *pamphlets*, como os três aqui estudados, eram produzidos para um leitor anônimo, que comprava o panfleto em busca de textos mais acessíveis e que lhe chamassem atenção – menos do que pensados para agradar um patrono aristocrático, que prezava pela agudeza e engenho. Eram editados para um mercado de consumidores de impressos, o que, por um lado, aumentava sua circulação, tanto em termos de alcance quanto de velocidade, por outro, implicava criar produtos que chamassem a atenção e pudessem agradar leitores variados, retroalimentando um circuito de produção e consumo (Raymond, 2003, p. 95-97). Não eram textos produzidos exclusivamente com base na lógica da economia das mercês, pela qual os agentes envolvidos, autores, impressores e livreiros, buscavam sobretudo a remuneração (e aceitação) de algum patrono, mas visavam as muitas opiniões de um público. Apelar, em longos títulos, tanto para o incrível da história do "Sebastião de Veneza"

[22] Agradecemos a Verônica Calsoni Lima pelo auxílio nessa questão.

quanto para sua dimensão noticiosa e origem francesa ou espanhola seria uma possível garantia de sucesso editorial (Lima, 2023, p. 163-168).

Aponta-se outro aspecto para contextualizar os quartos sebastianistas ingleses: a tradução. Field era um impressor reconhecido pelo seu trabalho de tradução; as poucas obras que Shaw editou foram traduções e mesmo Stafford teve muitas versões, entre as quase setenta obras nas quais trabalhou. Entretanto, para além desses estacionários, há uma outra figura importante para perceber os sentidos que aqueles panfletos tomaram na Londres seiscentista: Anthony Munday, o tradutor de *The strangest adventure*.

A tradução de *The strangest adventure*

Os catálogos bibliográficos identificam Munday como o tradutor de *The strangest adventure* pelo uso das iniciais "A. M.", que assinam a epístola dedicatória.[23] Na epístola, Munday explica que lhe confiaram a tradução daquele "estranho e admirável discurso". Seu trabalho seria colocar o discurso "em sua vestimenta inglesa" para lhe dar "passagem livre", pois o mesmo fora "visto antes, e suficientemente autorizado", nada menos do que pelo rei da França. Como tradutor de um texto autorizado e conhecido, sua função era simplesmente travesti-lo de inglês para que pudesse circular pelo mundo, visto que a matéria "se recomendará a si mesma" e sua leitura "satisfará a qualquer curioso indagador". Tomava, entretanto, a ousadia de dedicar a obra ao "Lorde Prefeito" de Londres, William Rider, e aos senadores e vereadores da cidade (Teixeira, 1601b, p. 3-4). Ao mesmo tempo que define sua posição autorial em relação ao texto, mostrando o que guiaria aquela tradução, apontando de onde veio aquele discurso e como o leitor deveria lê-lo, Munday utiliza a tradução para se colocar na lógica do patronato citadino.

Naquele momento, procurava alternativas ao seu antigo patrono, o conde de Oxford, caído em desgraça por ser católico. Escritor prolífico que emprestava sua pena para quem pudesse pagar, Munday traduzia de romances de cavalaria a notícias; escrevia peças e textos polêmicos antijesuíticos (George, 2006; Alvaréz-Récio, 2022). Percebendo que nem o teatro nem a tradução lhe rendiam o que esperava, e temeroso da mudança dinástica que se anunciava, tentava se aproximar da elite londrina para arranjar algum cargo. Teve êxito pouco tempo depois, ao virar mestre das festas e desfiles das corporações da cidade, e a dedicatória era parte dessa estratégia (Hill, 2004, p. 88-89).

[23] ESTC, https://datb.cerl.org/estc/S118296; Hosington, Brenda et al. *Renaissance cultural crossroads*, https://www.dhi.ac.uk/rcc/index.php?page=full_record&id=4912&result_set=0&logic=and&search_type=kw&kw=strangest%20adventure. Acesso em: 13 ago. 2026.

No mundo das traduções, Munday ficou conhecido por traduzir para o inglês romances de cavalaria espanhóis, mas o fazia com base nas edições em francês, traduções, por sua vez, do espanhol ou do português, como ocorria com a maioria dos textos vindos de Espanha e de Portugal que circulavam na Inglaterra (Boro, 2018). Na página de rosto de *The strangest adventure*, confirmava-se esse percurso usual, ao indicar: "Primeiro feito em espanhol, depois em francês, e agora, finalmente, traduzido para o inglês" (Teixeira, 1601b, p. 1). Assim como Richard Field, Munday tinha experiência com a edição de textos sobre o mundo ibérico, sendo inclusive requisitado para isso. Porém, ao contrário dos textos dos romances de cavalaria, nos quais adaptava a narrativa para o gosto e o contexto inglês (Alvaréz-Récio, 2022, p. 2-3), Munday parece ter seguido o que havia anunciado na carta dedicatória: somente "vestiria" o discurso em inglês, pois isso bastava. Não há muitos acréscimos nem diferenças significativas em relação ao original. A única exceção figura no fim do impresso, onde se encontram alguns parágrafos sob o título "*An addition of some importance*". Ali, conta que falou com "uma personagem de bom crédito" que ouvira do "próprio rei Dom Sebastian" a reafirmação do relatado nas cartas de frei Teixeira e dos sebastianistas, e lembra que o viajante inglês Anthony Sherley narrara haver na corte persa um "galante cavalheiro" que se apresentava como o Cavaleiro da Cruz, nome pelo qual o pretenso rei se identificara ao chegar em Veneza (Teixeira, 1601b, p. 89-90). Isso comprovaria a veracidade das aventuras sebastianistas, segundo seu tradutor.

Entretanto, da sua trajetória multifacetada, talvez a que nos esclareça melhor sobre a produção do panfleto seja a colaboração com a companhia teatral dos "Homens do Almirante". Munday escrevera peças para ela, trabalhando com Henry Chettle e Thomas Dekker, dramaturgos da companhia. Em fins dos anos 1590 e inícios dos 1600, os "Homens do Almirante" montaram peças sobre as disputas entre Espanha e Portugal, *The Spanish tragedy*, de Thomas Kyd, e a tragédia de Alcácer-Quibir, *The battle of Alcazar*, de George Peele. Em 28 de abril de 1601, Chettle e Dekker fizeram um empréstimo para montar uma peça intitulada *Sebastian, king of Portugal*. Não sobreviveram vestígios da trama ou do texto da peça, mas será de supor que tratasse não mais do dom Sebastião de Alcácer-Quibir, como na peça de Peele, mas do "D. Sebastião de Veneza". Pela proximidade das datas do registro de *The strangest adventure* e do empréstimo e colaboração de Munday com a companhia, propôs-se que a peça e o panfleto fossem uma "ação coordenada" (Lima, 2024, p. 161-162). Um elemento adicional é que, ainda em abril, o livreiro John Busby deu entrada no livro de registro dos Estacionários de uma balada intitulada "*Wonder of the world of Don Sebastian*".[24] Não restam exemplares dessa balada, mas era pouquíssimo comum registrar baladas, visto que eram impressos efêmeros, não fazendo sentido para o estacionário pagar para estabelecer o direi-

[24] Entrada: SRO1413, https://stationersregister.online/entry/SRO1413. Acesso em: 13 ago. 2026.

to de cópia. Isso nos levaria a crer que a impressão da balada também estava coordenada com a peça e com o panfleto, havendo assim um interesse adicional em relação à sua publicação. Colaborações anteriores entre Busby e Chettle e Dekker reforçam essa hipótese.

Há fortes indícios de que nos primeiros anos do século XVII se criou uma demanda para os impressos sobre o "Sebastião de Veneza". Há décadas existia no público inglês disposição favorável a aventuras ligadas ao mundo ibérico, quer na forma de peças, romances ou relatos noticiosos, quer como narrativas que apontassem que o Império Espanhol ruiria. A circulação, na Inglaterra, de notícias sobre a volta de dom Sebastião propiciou um clima favorável a se publicizar esse sentimento nas prensas, por meio dessas "*Adventures*". Certamente não era o clima desejado pelos sebastianistas, pois não resultou em um apoio à sua causa, mas provavelmente fez com que entre 1601 e 1603 vários ingleses esperassem pelo retorno do Encoberto ou do "*Hidden King*" (Teixeira, 1601b, p. 33), como Munday traduziu, ainda que nos palcos e nas folhas impressas.

Considerações finais

Podemos concluir, em primeiro lugar, que não há indícios de um apoio financeiro de agentes ligados à Coroa francesa para a publicação dos *octavos* sebastianistas. Tudo aponta para uma ação nascida dos esforços dos próprios sebastianistas, inclusive porque, como vimos, a impressão não requeria uma grande soma de dinheiro. Coordenado por frei Teixeira e João de Castro, esse trabalho envolvia a impressão de textos destinados ao público francês e português. A intenção era espalhar a notícia da suposta volta de dom Sebastião, empregando impressores que comungavam de alguns posicionamentos políticos. Nesse sentido, buscava-se produzir edições econômicas, em *octavos* discretos e pequenos, garantindo o anonimato dos impressores e um eventual apoio tácito por parte da Coroa francesa. Mesmo sem patrocínio, a empresa cumpriu seu propósito, ao menos no sentido de divulgar a narrativa do "Sebastião de Veneza".

Em segundo lugar, na Inglaterra, também não houve sucesso na articulação com integrantes da corte. O apoio buscado por frei Teixeira e João de Castro encontrou um momento de viragem na cena política inglesa, no qual um possível endosso a uma ação contra a Espanha fazia-se mais distante do que nos tempos de dom Antônio.

Por último, os sebastianistas, por sua vez, não parecem ter estado envolvidos no financiamento e na promoção dos quartos ingleses. A edição dos panfletos em Londres, por um lado, respondia a um interesse pelas notícias hispânicas (vindas da França) e a sentimentos anticastelhanos que, apesar do câmbio diplomático, continuavam a vicejar na cidade e no reino; por outro, buscava ser um empreendimento comercial que seguia as regulações do mercado e adotava um formato de alto e rápido consumo, o panfleto, identificando as ofici-

nas dos livreiros onde o impresso poderia ser adquirido. Fez-se preciso, portanto, um trabalho coordenado, de ordem diferente do realizado por frei José Teixeira e João de Castro. Nesse sentido, o sucesso da divulgação deveu-se menos a uma acolhida da versão sebastianista da história e mais a uma adaptação das aventuras às expectativas do público inglês. A ação coordenada entre Munday, Dekker, Chettle e Busby, no caso de *The strangest adventure*, parece ampliar para outros agentes o que Joad Raymond observou sobre a ação de livreiros, impressores e autores, que, segundo ele, buscavam "*to speak to and fashion the public's opinion*" (Raymond, 2003, p. 97).

Referências

ALBUQUERQUE, Martim de Acerca de Fr. José Teixeira e da teoria da origem popular do poder, *Arquivos do Centro Cultural Português*, v. V, 1972, p. 571-586.

ALVARÉZ-RÉCIO, Leticia. Introduction In: MUNDAY, Anthony. *The honourable, pleasant and rare conceited Historie of Palmendos*. Kalamazoo: Western Michigan University, 2022. p. 1-54.

BARBIER, Antoine-Alexandre. *Dictionnaire des ouvrages anonymes*. 3. ed. Hildesheim: G. Olms, 1963. t. I.

BELO, André. *Morte e ficção do rei dom Sebastião*. São Paulo: Tinta-da-China, 2023.

BORO, Joyce. Spain in translation: peritextual representations of cultura differences (1614-1625). In: BELLE, Marie-Alice; HOSINGTON, Brenda (org.). *Thresholds of translation*. Londres: Palgrave Macmillan, 2018. p. 101-135.

BOUZA, Fernando (org.). *Anglo-hispana: cinco siglos de autores, editores y lectores entre España y el Reino Unido*. Madri: Ministerio de Cultura, 2007.

BROTTON, Jerry. *This Orient Isle*. Londres: Penguin, 2017.

CHAUSSY, Yves. *Libraires et imprimeurs parisiens en 1624*. [Paris]: Société de l'Histoire de Paris et de l'Île-de-France, 1971.

CLARK, Sandra. *The Elizabethan pamphleteers: popular moralistic pamphlets (1580-1640)*. Londres: Bloomsbury Academic, 2015.

GAJDA, Alexandra. The state of christendom: history, political thought and the Essex circle, *Historical Research*, Londres, v. 81, n. 213, p. 423-446, 2008.

GEORGE, Gerald D. *Earning a living as an author in early modern England: the case of Anthony Munday*. Tese (Doutorado em Letras), Bowling Green State University, Bowling Green, 2006. Disponível em: http://rave.ohiolink.edu/etdc/view?acc_num=bgsu1143500898. Acesso em: 11 maio 2015.

HERMANN, Jacqueline. *No reino do Desejado: a construção do sebastianismo em Portugal, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HILL, Tracey. *Anthony Munday and the civic culture*. Manchester: Manchester University Press, 2004.

HISTOIRE VÉRITABLE des dernières et piteuses adventures de Dom Sebastian... [Paris e Rouen]: 1602.

LIMA, Luís Filipe Silvério. Entre "notícias estranhas" e "rumores frescos": estatutos de veracidade e gêneros documentais na recepção inglesa do caso do Sebastião de Veneza (1598-1603). *Clio*, Recife, v. 41, n. 2, p. 138-171, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2023.41.2.06 Acesso em: 1 mar. 2024.

LIMA, Luís Filipe Silvério. As "Aventuras" de D. Sebastião na Inglaterra: panfletos sebastianistas, recepção teatral e circulação de notícias ibéricas na Inglaterra moderna, In: NEMI, Ana et al. (org.). *Voca(liza)ções*, São Paulo: FFLCH/USP, 2024. p. 157-171. Disponível em: https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1480.

LIMA, Verônica Calsoni. *Da edição à sedição: a composição e a dispersão de impressos radicais na Inglaterra (1650-1680)*. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023a. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22082023-121852/. Acesso em: 31 jul. 2025.

LIMA, Verônica Calsoni. *Revolução em papel e tinta*. Curitiba: Editora UFPR, 2023b.

MARTIN, Henri-Jean. *Livre, pouvoirs et société à Paris au XVIIe siècle (1598-1701)*. Genebra: Droz, 1999. t. 1.

MCBRIDE, Gordon K. Elizabethan foreign policy in microcosm: the Portuguese pretender, 1580-89. *Albion: A Quarterly Journal Concerned with British Studies*, Boone, v. 5, n. 3, p. 193-210, 1973. Disponível em: https://doi.org/10.2307/4048263. Acesso em: 31 jul. 2025.

MICHAUD, Joseph-François; POUJOULAT, Jean-Joseph-François (ed.). *Nouvelle collection des mémoires pour servir à l'histoire de France, depuis le XIIIe siècle jusqu'à la fin du XVIIIe*. Paris: s.e., 1837. t.1.

MOREIRA, Aline Davies. *Um rei português nos palcos de Londres: recepção e apropriação das notícias sobre D. Sebastião e Alcácer-Quibir no teatro inglês (1588-1631)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de São Paulo, 2026. Disponível em: https://hdl.handle.net/11600/76681. Acesso em: 1 out. 2026.

PLOMER, Henry Robert et al. *A dictionary of printers and booksellers in England, Scotland and Ireland, and of foreign printers of English books (1557-1640)*. Londres: Bibliographical Society, 1910.

RAYMOND, Joad. *Pamphlets and pamphleteering in Early Modern Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

RENOUARD, Philippe. *Répertoire des imprimeurs parisiens, libraires, fondeurs de caractères et correcteurs d'imprimerie depuis l'introduction de l'imprimerie à Paris (1470) jusqu'à la fin du XVIe siècle*. Paris: M. J. Minard ; Lettres Modernes, 1965.

RODRÍGUEZ, Yolanda (org.). *Literary hispanophobia and hispanophilia in Britain and the low countries (1550-1850)*. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2020.

TEIXEIRA, José, frei. *Explication de la généalogie du très--invincible, et très-puissant monarque Henry IIIIe de ce nom, 65e roy de France...* Paris: Gilles Beys, 1595.

[TEIXEIRA, José, frei]. *Adventure admirable par dessus toutes autres des siecle passez & present...* [Paris]: 1601a.

[TEIXEIRA, José, frei]. *The strangest adventure that ever happened...* Londres: Frances Henson, 1601b.

[TEIXEIRA, José, frei], *Adventure admirable: wonderlijcke gheschiedenisse...* Delft: J. C. Uennecool, 1601c.

[TEIXEIRA, José, frei]. *Suyte d'un discours intitulé adventure admirable...* [Paris]: 1602.

[TEIXEIRA, José, frei]. *A continuation of the lamentable and admirable adventures of Dom Sebastian...* Londres: James Shaw, 1603.

THE TRUE HISTORY of the late and lamentable adventures of Dom Sebastian. Londres: Simon Stafford and James Shaw, 1602.

VITERBO, Francisco de Sousa. *Frei Bartholomeu Ferreira: o primeiro censor dos Lusíadas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1891.

VOSS, Paul J. *Elizabethan news pamphlets*. Pittsburgh: Duquesne UP, 2001.

WALSBY, Malcolm. L'auteur, l'imprimeur et l'imprimé polémique et éphémère français au seizième siècle. In: FURNO, Martine; MOUREN, Raphaële (org.). *Auteur, collaborateur, traducteur, imprimeur... Qui écrit?* Pa

WOODFIELD, Denis. *Surreptitious printings in England (1550-1640)*. New York: Bibliographical Society of America, 1973.

Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do texto. Editores responsáveis: Fabrina Magalhães Pinto (https://orcid.org/0000-0001-5088-9125), Karla Carloni (https://orcid.org/0000-0001-7586-3802) e Norberto Osvaldo Ferreras (https://orcid.org/0000-0003-3801-0418).